



EUROPA

Terremoto político no Velho Mundo

Por todo o continente, e em alguns dos principais países, o sistema partidário construído por décadas dá sinais de fadiga. Na onda antietablishment, alimentada por crises múltiplas, é a extrema-direita que mais cresce e se estabelece

» SILVIO QUEIROZ

Em dois fins de semana de setembro, a Alemanha testemunhou mais uma manifestação — a mais recente e talvez a mais marcante — de um drástico solavanco no sistema partidário formado no pós-Segunda Guerra. Nos estados de Saxônia-Anhalt e Mecklemburgo-Pomerânia, a Alternativa para a Alemanha (AfD), de extrema-direita, saiu vencedora, embora uma espécie de “cordão sanitário” dificulte sua ascensão ao governo local. Em Berlim, a capital federal, dividida durante as quatro décadas da Guerra Fria, saiu vencedor o partido A Esquerda, que tem raízes no Partido Comunista da extinta Alemanha Oriental. Sintoma ainda mais grave: a União Demócrata Cristã (CDU), que lidera o governo federal em coalizão com o Partido Social Democrata (SPD), teve menos de 5% dos votos e ficou fora do parlamento regional de Mecklemburgo.

O avanço dos extremos do espectro político é mais evidente na França, segunda metade da dupla que por décadas deu as cartas na União Europeia (UE), onde será escolhido em 2027 o sucessor do presidente Emmanuel Macron, um político de centro. No momento, lideram as pesquisas de opinião o Reagrupamento Nacional (RN), ultradireitista, e a França Insubmissa, formação recente de esquerda que ocupou o espaço aberto pelo encolhimento de socialistas e comunistas. Na Itália, que no pós-guerra viveu a polarização entre a Democracia Cristã e o poderoso Partido Comunista — ambos desaparecidos —, é a extrema-direita que comanda a coalizão de governo, com Giorgia Meloni, do Irmãos da Itália. No Reino Unido, seguem se alternando conservadores e trabalhistas, mas o Partido da Reforma, que liderou a campanha pela saída do país da UE, foi o grande vencedor da última rodada de eleições locais e regionais.

Voto de protesto

Em cada um dos casos — a lista se estende pelas quatro direções —, é uma onda de protesto contra o establishment, a “política tradicional”, que captura o descontentamento dos eleitores com uma conjunção de crises. É o que mostra um estudo que reuniu 150 analistas de 31 países, o PopuList, copatrocinado pelo jornal britânico *The Guardian*. No que diz respeito à extrema-direita, os pesquisadores constataram um avanço meteórico: em 1995, apenas 5% dos europeus votavam com ela; eles passaram a 10% na década passada e, agora, chegam a 23%. Considerando também a esquerda radical, hoje 30% dos cidadãos do continente dão seu voto em alguma das legendas que os estudiosos agrupam sob o conceito de “populistas”.

“Quando começamos o PopuList, em 2018, a principal constatação foi de que um em quatro eleitores da Europa votavam em partidos populistas, de direita ou de esquerda”, disse ao *Guardian* o coordenador do estudo, Matthijs Rooduijn, cientista político da Universidade de Amsterdã. “Agora, um em quatro escolhem a extrema-direita: é uma mudança importante”, observa. Rooduijn reconhece que a AfD alemã, o RN francês e o partido de Meloni “sabem amarrar muito bem sua narrativa,

Ronny Hartmann/AFP



Vitoriosa na Saxônia-Anhalt, a Alternativa para a Alemanha mira a conquista do governo federal: “Começa aqui”

Para saber mais

“Partidos do povo” em apuros

Durante meio século, o sistema político-partidário da Alemanha foi sinônimo de estabilidade. Ela esteve ancorada na dupla de Volksparteien (“partidos do povo”), aqueles capazes de obter votação suficiente para constituir uma maioria, nacional ou regional. A União Demócrata Cristã (CDU) e o Partido Social Democrata (SPD) revezam-se na chefia do governo federal desde o pós-Segunda Guerra. O Partido Liberal Democrata (FDP) completava o tripé na composição do Bundestag (parlamento), simbolizado nas cores da bandeira alemã: preto (CDU), vermelho (SPD) e amarelo (FDP).

No início dos anos 1980, entraram em cena os Verdes, ecopacifistas. Após a reunificação, em 1990, somaram-se ao quarteto os neocomunistas da extinta Alemanha Oriental, hoje agrupados no partido A



Esquerda com uma ala mais radical do SPD ocidental. Mas um novo fator embolou o jogo nas últimas duas eleições federais: a Alternativa para a Alemanha (AfD), legenda anti-imigração de extrema-direita, que inclui neonazistas. Em 2025, a AfD, dobrou seu eleitorado, de 10% para 21%. Tornou-se a segunda força do Bundestag e forçou a vencedora CDU a formar coalizão com o SPD. Hoje, além de vencer em

dois estados ex-orientais, lideram as intenções de voto em escala nacional.

A AfD firmou-se no leste capturando o descontentamento enraizado na antiga metade comunista, que segue com indicadores econômicos e sociais muito abaixo da parte ocidental, passados mais de 35 anos da reunificação. Em parte, beneficiou-se das “assimilação” da Esquerda, até recentemente a segunda força na região, onde chegou a governar o estado da Turingia. Ao driblarem o “cordão sanitário”, os neocomunistas se incorporaram ao establishment e perderam o voto de protesto.

A trajetória foi inversa para o Reagrupamento Nacional (RN), na França. Em 195, ainda com o nome de Frente Nacional (FN), seu fundador, Jean-Marie Le Pen, fez história chegando ao segundo turno da

disputa presidencial. Com discurso antissemita e simpático à ocupação nazista na Segunda Guerra, foi trucidado nas urnas por Jacques Chirac, da direita dita republicana.

A filha, Marine Le Pen, pilotou a assimilação do partido e capitalizou o sentimento anti-imigrantes, em especial entre a classe operária industrial, por décadas foi leal à esquerda. Eleita deputada por um distrito que até então era feudo comunista, ela rebatizou o partido e, em 2022, perdeu o segundo turno para o centrista Emmanuel Macron. A RN tem hoje a maior bancada na Assembleia Nacional. Nas pesquisas para 2027, Marine lidera as intenções de voto, com a perspectiva de fazer o tira-teima contra Jean-Luc Mélenchon, da França Insubmissa — força ascendente na ponta esquerda do espectro político.



O crescimento contínuo da extrema-direita reflete vetores estruturais profundos: inflação, descrença nas instituições políticas, imigração e os impactos da competição econômica global"

Estudo do Centro de Política Europeia



Eles sabem amarrar muito bem sua narrativa, que é sempre na linha de 'nós' contra 'eles': a nação contra os imigrantes, os juízes, as 'élites' ou quem quer que seja"

Matthijs Rooduijn, cientista político da Universidade de Amsterdã

âmbito continental, continua sendo a perda de espaço das forças políticas tradicionais. Mas, ainda que os populistas de direita não se beneficiem de uma transferência automática de votos, “é cedo para determinar se essa é uma estagnação temporária ou se, de fato, eles chegaram a um platô”.

Assimilação

O estudo do EPC coincide com o do PopuList em outro ponto: o efeito da progressiva “assimilação” dos populistas — de esquerda ou de direita — pelo sistema político. “Uma narrativa sustenta que a participação em governos causa danos, porque os eleitores sentem os efeitos das políticas aplicadas e passa a rejeitá-los”, diz o instituto europeu. “Mas quando eles lideram o gabinete, tendem a manter ou mesmo ampliar o apoio, e mesmo quando um deles perde terreno, outra força semelhante conquista a mesma fatia do eleitorado.”

Hoje, populistas de direita lideram o governo italiano e integram coalizões na Croácia, República Checa e Finlândia. Avançam de maneira consistente na Espanha e em Portugal. Assim como na Alemanha, lideram pesquisas eleitorais na França, na Áustria e na Bélgica.

Matthijs Rooduijn, do PopuList, vê na “normalização” dos radicais um processo de “autorreforço”: “Quanto maiores e mais bem-sucedidos, mais ‘normais’ se tornam”. O analista aponta como “aliados”, nesse processo, a mídia e os partidos tradicionais que incorporam propostas dos populistas. E aconselha um olhar de profundidade para o fenômeno: “É importante enfatizar que não estamos falando de algo súbito: isso vem se desenrolando há décadas, apenas se acelerou mais recentemente.”

Papa celebra missa na Champs-Élysées, em Paris

O papa Leão XIV encerrou ontem sua visita a Paris com uma missa multitudinária na icônica avenida Champs-Élysées para cerca de 800 mil pessoas. Essa foi a primeira visita de um pontífice a Paris desde Bento XVI, em 2008, e veio acompanhada de ampla comoção popular.

O líder espiritual católico desceu a famosa avenida Champs-Élysées, partindo do Arco do Triunfo a bordo de seu papamóvel, que parou ao longo do trajeto para abençoar bebês, enquanto o público aplaudia e agitava bandeiras do Vaticano. Horas antes da missa, o pontífice fez

questão de visitar a Casa Bakhita, centro de acolhimento e integração sociocultural para imigrantes e refugiados. No local, ouviu testemunhos de pessoas oriundas do Afeganistão e da Nigéria e pediu “convivência com dignidade e paz”.

No dia anterior, data de sua chegada à capital francesa, ele se reuniu com o presidente francês, Emmanuel Macron, que afirmou que o princípio da laicidade “não consiste em excluir a religião do espaço público”. O papa seguirá para Lourdes, próxima etapa de sua viagem à França.



AFP